

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 553	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	36800	18900	5950	3120	1 DE MAIO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

É com enorme prazer que abrimos hoje a nossa chronica registando uma festa artistica muito sympathica e muito prometedora, com que no sabbado 28 d'abril, se inaugurou o salão de concertos do Conservatorio Real de Lisboa.

Esse salão, muito elegante e muito luxuoso, concluído já ha annos, estava para ser inaugurado ha muito tempo, mas a prolongada doença do antigo director do Conservatorio o sr. Luiz Augusto Palmeirim, não permittiu que se fizesse essa inauguração mais cedo, e o illustre homem de letras, que por tantos annos esteve á frente do Conservatorio e que tanto trabalhou para que se concluíssem as obras d'esse salão, não teve a alegria de assistir a essa inauguração, que para elle seria uma verdadeira festa.

O salão é elegante, está muito bem decorado e muito bem mobilado, mas tem, a nosso vêr, dois grandes defeitos.

O primeiro é ser extremamente pequeno, defeito facilimo de evitar porque era vasto o terreno de que se dispunha para a sua edificação, tão vasto que a amplitude das salas d'entrada e do atrio, está a jogar a pancada com a exiguidade do salão; o segundo defeito que póde não o ser hoje, que o Conservatorio é apenas um instituto musical, mas que o era, e imperdoavel e inexplicavel, quando o salão se construiu e o Conservatorio era Conservatorio d'arte dramatica e musica, foi o fazerem um salão apenas para concertos e que de modo nenhum pode servir para theatro, quando era tão facil, tão logico, fazerem um theatro que sem difficuldade alguma podia servir conjunctamente para espectaculos theatraes e para concertos.

É extraordinario este desdem que todos os architectos, que no nosso paiz fazem casas de espectaculos, tem pelo theatro.

No antigo Circo Price, no Colyseu dos Recreios Whitoyne, no Real Colyseu e no Colyseu das Portas de Santo Antão, os architectos ou engenheiros que fizeram o risco da sala, não pensaram um momento sequer em construir um theatro que pudesse servir de circo, quando isso fosse preciso, fizeram um circo, com um palco pequeno, um tablado, a fingir de theatro, mas que nunca de theatro póde servir, porque lhe fatam para isso todas as condições indispensaveis.

E o resultado está-se vendo.

Quando n'esses circos se dão espectaculos theatraes o publico foge espavorido porque não ouve nada e as proprias companhias dramaticas se recusam a lá ir exhibir os seus trabalhos, porque o effeito é nulo e o fiasco certo.

Ora se na construcção d'essas casas de espectaculo se tivesse feito precisamente o contrario, se se tivesse feito, como se fez no theatro-circo da Figueira e no theatro do Principe Real do Porto, um theatro, que

quando se quizesse se podesse converter em circo, o resultado não seria muito melhor?

Os dois theatro-circos que acabei de citar estão a demonstral-o evidentemente.

No salão do Conservatorio imperou o mesmo erro.

Tratava-se de fazer um salão para um instituto

onde se professava musica e onde se professava arte dramatica e em vez de se construir um theatro que pudesse servir para os alumnos da escola d'arte dramatica fazerem as suas provas publicas, e que ao mesmo tempo serviria excellentemente, para os alumnos da escola de musica darem os seus concertos, construiu-se uma sala de con-



LUIZ KOSSUT

certos, que só para concertos pôde servir e que de modo nenhum se presta a representações theatraes.

Tirados estes dois defeitos e mais um, que nos parece facil de emendar, embora com despeza, e trabalho, desnecessarios se isso se tivesse feito de principio — ausencia completa de qualquer systema de iluminação, para a sala poder funcionar de noite, o salão é muito bonito e um dos mais alegantes e luxuosos que ha em Lisboa.

Já ha mezes esse salão serviu uma vez, mas serviu apenas particularmente, para uma festa intima dos alumnos do Conservatorio. a audição do seu antigo condiscipulo, o glorioso pianista Vianna da Motta. No sabbado foi por assim dizer a sua inauguração solemne, com a assistencia de Suas Magestades El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia, de muitos homens de letras, artistas e jornalistas.

Tratava-se d'um concerto para apresentação dos alumnos, festa muito usada nos conservatorios lá de fóra, mas nova entre nós e devida á iniciativa intelligente e zelosa do illustre director interino do conservatorio, o eminente maestro o sr. Augusto Machado.

O programma do concerto organizado com a alta competencia artistica de Augusto Machado, constou de oito numeros apenas e deixou plenamente satisfeitos todos que assistiram a elle.

Abriu o concerto o hymno da carta, cantado em côro por todas as alumnas do conservatorio, apenas El Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia entraram no seu camarote.

Produziu um bello effeito esse côro muito bem ensaiado pelo distincto professor Guilherme Ribeiro.

A *Ave Maria* de Marchetti e principalmente o côro da *Psyché* de Ambroise Thomas, cantadas pelas mesmas discipulas do sr. Guilherme Ribeiro, agradaram immenso e foram dos numeros mais reussis do concerto.

A *Polonaise* de Chopin executada no piano pelo sr. Marcos Garcin, com acompanhamento d'orchestra, mostrou que está ali, n'aquelle discipulo do conservatorio, um artista distincto e um pianista de bello futuro.

Um quarteto de Goltermann, para violoncellos, executado pelas alumnas Maria Lopes Monteiro, Izaura Teixeira de Mello, José Joaquim Corrêa e José Henriques dos Santos, teve desempenho primoroso.

Primoroso foi tambem um *septuor* de Hummel executado por professores do conservatorio e dois solos de soprano cantados por mademoiselle Mary Wahnon discipula da aula de canto, de que é professor o sr. Augusto Machado.

Mademoiselle Mary Wahnon tem uma voz de soprano de bom timbre, de rigorosa afinação e cantou muito bem a *Alleluia* do *Cid* e a *Ave Maria* do *Otello*, em que foi applaudidissima.

Os trechos executados pela orchestra, foram a abertura da *Melusine* de Mendelssohn, que é um trecho de grande effeito, o intermedio da *Galante Aventura* de Guiraud e a marcha *Camões*, de Cos-soul, que foi executado com grande brio e relevo e terminou o concerto.

A orchestra foi excellentemente regida pelo illustre maestro Freitas Gasul.

No intervallo da primeira para a segunda parte, as alumnas das aulas de canto offereceram a Sua Magestade a Rainha, um lindo *porte-bouquets* com flores e no fim do concerto Suas Magestades disseram ao director e professores do conservatorio as palavras mais elogiosas e El-Rei D. Carlos escreveu no livro do conservatorio uma amabilissima referencia áquella festa, que é inicio d'uma nova época de actividade artistica do conservatorio e ao illustre maestro que d'ella teve a brilhante iniciativa.

O salão estava litteralmente cheio e aquella festa honra ao conservatorio, e é de muito bom agouro para o nosso desenvolvimento artistico e musical.

A companhia d'opera comica do theatro do Principe Real do Porto, que está funcionando no theatro do Principe Real de Lisboa, alcançou mais um grande e justificado successo, entre nós, pondo em scena a opereta *O Solar dos Barrigas*, uma das mais brilhantes corças de Angela Pinto, a estrella da companhia.

Angela Pinto foi quem ha dois annos creou o papel de Manuela, quando o *Solar* se representou pela primeira vez, no theatro da Rua dos Condes, e foi tão notavel, tão excepcional o desempenho que a talentosa actriz deu a esse papel, que data d'elle a sua grande e justissima nomeada, que foi dias depois d'ella mostrar n'esse papel o muito que

valia, que a empresa do theatro de D. Maria lhe offereceu escriptura vantajosa, escriptura que Angela Pinto accitou, mas que depois, rescindiu, de commum accordo, para não sahir do Porto, onde estava alcançando enorme successo.

Está ainda bem presente na memoria de todos que a viram n'essa opereta, o desempenho magistral que ella dava ao papel de Manuela e por isso apenas se annunciou agora o *Solar dos Barrigas* no Principe Real, com Angela Pinto no seu antigo papel, o publico correu em massa ao theatro da Rua Nova da Palma, e o *Solar* tem tido todas as noites enchentes á cunha.

Angela Pinto resuscitou com o seu magistral trabalho o successo do *Solar dos Barrigas* e o publico faz lhe todas as noites ovações extraordinarias como verdadeiramente extraordinario é o talento da illustre actriz.

Do desempenho primitivo ha, além de Angela Pinto, Elvira Mendes que encontrou no papel de Ramiro o mesmo grande e legitimo successo primitivo.

Os outros papeis são todos desempenhados por outros artistas e entre esses ha desempenhos primorosos, notabilissimos, como o de José Ricardo no Trajano Pires que é magnifico de graça, de verve, e que faz todo o papel com o brilho d'um grande actor comico que é, como o de Fifi, a que Thereza Mattos presta todo o encanto da sua gentileza notavel e das suas distinctas aptidões artisticas, e de D. Procopia, de que Emilia Eduarda, uma actriz de grande valor e de subida illustração, faz uma engraçadissima *cha ge*.

No papel de Pescadinha distingue-se o actor Santos Mello, Firmino, Gaspar, Maria da Luz e os outros artistas fazem muito correctamente os seus papeis concorrendo todos para o bom *ensemble* da opereta, que está ensaiada com o bom gosto e a notavel habilidade que caracterizam Taveira como director de scena e Thomaz del Negro como regente d'orchestra.

O *Solar dos Barrigas* teve na primeira noite da sua *reprise* um grande successo, como se fosse a sua primeira representação, mercê do trabalho notabilissimo dos principaes actores e da maneira distincta como está posto em scena.

E a pessoa que escreve estas linhas aproveita a occasião para aqui agradecer reconhecidissimo a todos esses excellentes artistas o exito que á peça refizeram com o seu brilhantissimo trabalho.

*
* *

Vae já por ahi grande entusiasmo pela festa que os cartazes annunciavam por todas as esquinas, em grandes letras azues, para quinta feira da Ascensão — a batalha de flôres, promovida por um grupo de gentiísimas meninas da nossa primeira sociedade.

D'esta vez a Batalha de Flôres realizar-se ha no Campo Grande, sitio que se é menos accessivel que a Avenida da Liberdade é em compensação muito mais pittoresco e applaudimos sinceramente a escolha do local, pois parece-nos muito bem que se principie a fazer caso d'aquella lindissima alameda do Campo Grande, que é um dos mais formosos passeios que temos em Lisboa, e que ha annos a esta parte, não sabemos porque, está quasi completamente abandonado.

A commissão promotora d'esta festa, que é protegida por Suas Magestades e da qual o producto se destina a um hospital para creanças pobres, diminuiu consideravelmente os preços da entrada no recinto da batalha, tanto para carruagens como para peões e d'ahi evidentemente o dever ser ainda muito mais concorrida a festa, que da primeira vez.

Oxalá que o tempo se porte bem, se lembre que se trata d'uma festa de caridade e de que essa festa é na quinta feira da Ascensão, o dia tradicional das flôres.

*
* *

Não queremos fechar a nossa chronica de hoje sem nos referirmos ao assumpto capital da semana, o bacilo de Kock.

Esta questão do cholera vae se tornando já entre nós uma verdadeira *scie* dos mezes de verão.

D'antes quando chegavam os mezes de abril e de maio cultivavam se as rosas, agora cultivam se os microbios.

E' uma variante como qualquer outra, com a differença de ser menos divertida.

Antigamente n'este tempo, quando se principia a aproximar a estação calmosa toda a gente tratava de comprar as suas bilhinhas de barro, para pôr a agua de noite ao relento, a refrescar, agora em vez de se comprar bilhas compram se

filtros e em vez de se pôr a agua ao relento, põe-se a agua ao lume para ferver, para matar o microbio.

Este anno a *scie* do cholera tem tomado mais amplas proporções porque se afirma que está entre nós o famoso bacilo virgula de Kock.

E d'ahi renhidas discussões entre os homens de sciencia, uns que teimam que é o bacillo de Kock, outros que não é o bacillo de Kock mas que é um bacillo virgula que dentro em breve se tornará um ponto final, outros que transformam o bacillo virgula em bacillo de interrogação, e de modo que entre tantas opiniões desencontradas entre tanta sciencia a innundar os jornaes de artigos tão contraditorios, o bacillo virgula torna se apenas por enquanto, graças a Deus, em bacillo de reticencias.

Entretanto estas discussões encarniçadas e annuaes do cholera tem duas vantagens, incontestaveis, a primeira é o olhar se um bocadinho mais a serio para a hygiene e limpeza da cidade e ella bem o precisa, coitada! a segunda o atugentarem, pela maçada, o terror, porque a gente a força de se estar a aterrar durante seis mezes, todos os annos, com a idéa do cholera, o terror perde toda a sua força e entra pacatamente nos nossos habitos quotidianos!

As discussões do cholera fazem já parte da fructa do tempo, como as cerejas pelo Santo Antonio e as castanhas pelo S. Martinho e já ninguém se incommoda com isso e a nunca differença será, d'aqui a pouco tempo, em vez do amigo das andorinhas anunciar a chegada da primeira andorinha para noticiar a chegada da primavera o sr. dr. Pestana anunciar a chegada do bacillo virgula, para noticiar que a estação calmosa está á porta.

Gervasio Lobato.

LUIZ KOSSUTH

Kossuth, o celebre patriota hungaro, ha pouco fallecido em Turim, onde se achava exilado desde 1875, foi um romantico sublime que com a sua imaginação ardente e a sua palavra inspirada, conseguiu levantar um povo e lançal-o na mais sangrenta guerra d'este seculo, pela independencia da sua patria.

O tempo era então d'estes arroujos, e o que hoje não conseguem as forças numericas dos exercitos armados com as mais aperfeicoadas armas e machinas de guerra, conseguia-o a palavra arrebata-doura de um orador, em quem o povo reconhecia um predestinado, cria um libertador, que não lhe enumerava os soldados, nem a superioridade das suas armas, nem os thesouros de que dispunha, mas só lhe fallava de valor, de liberdade e independencia, e isso bastava para que todos o acompanhassem e se sacrificassem cheios de entusiasmo por uma idéa, que o espirito de um homem superior lhes communicava, e por ella lhes fizesse palpitar o coração.

Era assim, no principio d'este seculo de revoluções com que se foi implantando a liberdade dos povos, os direitos politicos proclamados no fim do seculo passado com a grande revolução franceza.

Esta revolução acendendo o facho das liberdades politicas lançou depressa os raios da sua luz por toda a Europa, e as resistencias que por meio seculo tentaram offuscar lhe o brilho cahiram por completo conjuntamente com Luiz Felippe, que se refugiava em Inglaterra, deixando a França, que elegia presidente da Republica Luiz Napoleão Bonaparte, em 1848.

Foi n'este anno que os effeitos da revolução liberal chegavam á Hungria abalando-lhe a sua constituição feudal e secular, e era um homem que principalmente promovia esse abalo, com os seus discursos inflamados. Esse homem era Luiz Kossuth, o grande patriota que sonhava a libertação da sua patria.

Luiz Kossuth, que nascera em Mouok, condado de Zemplin, a 27 de abril de 1802, era um simples advogado, quando o patriota hungaro, conde Luiz Batthyanyi o chamou a tomar parte no seu governo da Hungria, formado com consentimento da Austria, constrangida a ceder perante as exigencias dos magyares.

A Hungria tinha votado a abolição, sem indemnisações, de todos os encargos prediaes e de todas as servidões agricolas; estabeleceu impostos sem distincção de classe, permittiu a liberdade de imprensa, a publicação dos debates lorenseis, o processo oral, a instituição do jury e uma lei elei-

toral baseada nos principios democraticos. Em tudo isto andava o espirito de Kassuth.

A anuencia da Austria a estas leis que a Hungria acabava de votar, fez augmentar no povo hungaro as suas aspirações a Estado independente, aspirações que Kossuth fomentava com toda a energia da sua palavra, querendo a completa separação, e com ella a isenção de contribuir para as despesas do Estado da Austria, e dos encargos da divida publica.

O governo imperial via se seriamente apertado pelas exigencias dos hungaros cuja attitudo levantada se impunha acima dos outros povos sujeitos, a ponto de quererem fazer prevalecer os seus usos e costumes nos povos slavos do sul, nos croatas e slovacos, unidos á Hungria com seus representantes na dieta. Era tal o espirito de independencia que se apossara dos hungaros excitados pela influencia de Kossuth, que chegaram a substituir a lingua latina que até ali era usada nos documentos officiaes, pelo magyar.

Tudo isto foram motivos para attrahir sobre os magyares o odio dos outros povos do reino unido, e o governo imperial aproveitando essa indesejavel posição, baseada principalmente no antagonismo de raças, principiou a attender as reclamações da Croacia, Slavonia e Dalmacia que queriam a formação de um reino independente, ao mesmo tempo que a Hungria pugnava pela integridade do reino unido.

O governo austriaco, sem descontentar completamente os hungaros, pois lhe fez algumas concessões pedidas, attendeu tambem os croatas, dando-lhe um governador que escolheu d'entre os inimigos da Hungria o qual foi Jellachich.

Esta nomeação foi, por assim dizer, o inicio da grande lucta que se ia travar entre aquellos povos, em que afinal havia de succumbir a Hungria.

Jellachich promoveu uma guerra de separação dos Estados Slavos do sul, do reino da Hungria.

É horrorosa a historia d'esta guerra, impossivel de descrever nos estreitos limites de um simples artigo. A Hungria bateu-se heroicamente; teve por vezes a victoria pelo seu lado, em que Goergey teve papel importante, chegando a alcançar sobre os hungaros prestigio superior ao de Kossuth, o que levou o grande patriota a entregar-lhe a dictadura, conforme a resolução do conselho de guerra de 10 de agosto de 1849.

É conhecido o auxilio que os russos prestaram á Austria n'esta guerra extraordinaria. A Austria tinha empregado os seus melhores generaes, Haynau, Walden, Wohlgemuth, e a Russia enviara a testa de um grosso exercito, o general Paskiewitsch, no entanto o imperio austriaco viu a sua importancia correr grande risco de baquear.

A capitulação de Vilagos foi o termo d'esta guerra de extremis, capitulação tratada por Goergey com o general russo Paskiewitsch, com o fim de tirar aos austriacos a gloria de vencedores. O ultimo general hungaro que se rendeu foi Klapka depois de bem convencido que os hungaros tinham deposto todas as armas, isto succedia a 27 de setembro de 1849.

Kossuth vendo perdida a sua causa emigrou para Inglaterra, onde foi recebido entre os applausos do povo. O seu coração, porem, vinha retalhado por tantas desgraças da patria.

Cioso da independencia do seu paiz, que elle quizera tornar uma republica independente, tinha enterrado a santa corôa da Hungria e os diamantes reaes, o que assim se conservou até setembro de 1853, em que foram descobertos. Na corte esta descoberta foi de bom agouro para o dominio da casa d'Austria, na Hungria.

No entanto uma lei votada depois, retirou o direito de cidadãos hungaros a todos os emigrados de guerra, lei que feriu o velho Kossuth no seu exilio, como a ultima esperança que se lhe apagou no espirito.

Fallamos talvez demasiado da guerra da independencia Hungara, mas fallar d'esta guerra é fallar de Kossuth, tão estreitamente a sua vida estava ligada aquella lucta gigantesca em que succumbiu um dos povos mais sympathicos do mundo.

Caetano Alberto.

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do numero 543)

O PRIMEIRO TENENTE JOÃO AUGUSTO FONTES

PEREIRA DE MELLO

E O ENGENHEIRO MACHINISTA NAVAL

FRANCISCO ANTONIO SEQUEIRA

O OCCIDENTE augmenta hoje a sua vasta galeria de retratos, com o do primeiro tenente da ar-

mada sr. João Augusto de Fontes Pereira de Mello, secretario e ajudante d'ordens do inspector do arsenal da Marinha, auctor da estação submarina, Fontes, e com o do machinista naval de primeira classe, sr. Francisco Antonio Sequeira constructor do modelo d'esta estação que tão bellos resultados deu nas experiencias realizadas no fim do anno passado.

Não é nosso proposito fazer uma biographia, mas unica e simplesmente tributar sincera homenagem ao cidadão prestante, ao trabalhador illustrado, perseverante e incansavel, ao portuguez benemerito e official distincto.

O tenente Fontes assentou praça como aspirante, na marinha de guerra portugueza, em 14 de novembro de 1872, e tem commandado o vapor *D. João 1.º*, lancha-canhoneira *Laje*, e vapor *Lidador*, e desde o principio da sua carreira tem mostrado a maior dedicação e afflno ao estudo da electricidade, especialmente como agente de força sua applicação ás grandes machinas maritimas e aos torpedos dirigiveis.

Em 1877 apresentou o seu primeiro trabalho, ao qual deu o nome de *nova machina de vapor*. Depois de repetidas experiencias com excellentes resultados, sendo algumas realizadas na Escola Polytechnica de Lisboa, em 1880 e 1881, modificou este seu apparelho dando-lhe então o nome de *novo gerador de vapor d'agua*.

Para estas experiencias o ministro da marinha, o sr. conde de S. Januario, então visconde, mandou pôr á sua disposição uma caldeira de vapor e ordenou que no respectivo arsenal se lhe prestasse todo o auxilio.

Vendo o tenente Fontes que a boa vontade do ministro de nada servia ao que elle desejava, em presença dos embaraços e obstaculos de toda a especie que lhe levantavam, deu por concluidas as experiencias com o seu *gerador de vapor d'agua*, registando o projecto em 1885 juntamente com outros tambem sobre electricidade, ainda que de menor importancia, mas que não deixam por isso de representar muito bom estudo.

Não abandonou porém outros trabalhos de não menos valia, em que andava empenhado, occupando o primeiro logar o torpedo dirigivel.

Como este fosse principalmente destinado á defesa do porto de Lisboa, as excepcionalissimas condições hydrographicas da barra, obrigavam a associar o torpedo a uma estação d'onde fosse lançado e dirigido no meio do mar, longe, bem longe da costa.

Em 1888 dava o tenente Fontes por terminadas as suas diligencias com respeito á realisação de uma *estação torpedeira*, destinada ao serviço de protecção de torpedos fixos e ao lançamento do seu *torpedo dirigivel*, cujo projecto a este tempo já se achava tambem concluido. Era a *estação submarina* cuja descripção e gravura o OCCIDENTE apresentou no seu n.º 419 de 1890, e reproduziu no seu n.º 543 do corrente anno, com o titulo de projecto primitivo.

Este projecto da *estação submarina* era archivado em 1889, depois de repetidas, completas e satisfatorias experiencias feitas com pequenos modelos.

Não se ficou o tenente Fontes a revêr nos valiosos fructos da sua fecunda e inventiva imaginação, o incansavel trabalhador entregou-se logo á empresa de projectar um *carro movido pela electricidade*, baseado no mesmo principio em que se funda a sua estação submarina, destinado a subir ladeiras em estrada ordinaria rebocando grandes pesos.

N'estes trabalhos se encontrava o tenente Fontes quando a affronta do *ultimatum de 1890*, levantando o paiz a pedir armas e elementos de defesa, o obrigou a sahir da sua pacatez e desmedida modestia apresentando-se ao governo e offerrendo-lhe o projecto da sua *estação submarina*, franca e lealmente, sem recompensa alguma pedir.

Todos reconhecem e decerto apreciam a grandeza e generosidade de um tal procedimento em tão grave momento, e facil será tambem calcular o alcance e valor do offercimento attendendo a que o nosso paiz se acha completa e totalmente desprovido de elementos de defesa¹ e que a *estação submarina* representa uma poderosissima arma de guerra maritima.

Não foi sem vencer grandes difficuldades, que o tenente Fontes conseguiu auctorisação para se construir um modelo para experiencias, e os nossos leitores já tem inteiro conhecimento dos com-

¹ Convém não esquecer que o material de guerra destinado á defesa da nossa barra, com excepção dos quatro torpedeiros, ha muito que se acha totalmente inutilisado.

Este material foi devido ao estadista Fontes tfo do auctor da estação submarina de qua temos tratado.

pletos e realmente extraordinarios resultados que o tenente Fontes obteve em todas as experiencias realizadas com esse modelo da sua *estação submarina*, a começar logo na primeira.

N'este ponto, sem duvida alguma, teria o auctor de tão valioso trabalho sido derrotado pela burocracia, se não tivesse encontrado para constructor do seu modelo, o machinista naval de primeira classe Francisco Antonio de Sequeira, um engenheiro que á qualidade de extremamente habil junta a circumstancia de ser irmão do auctor.

O acerto e pericia inexcediveis de engenheiro reunidos ao zelo, dedicação e lealdade de bom irmão, fizeram com que o projecto lograsse inteira e cabal execução, apresentando o modelo nas experiencias, as previsões do inventor.

O machinista Sequeira é habilitado com o antigo curso de engenheiros machinistas professado na escola naval, e assentou praça na armada, em 23 de outubro de 1876, como ajudante machinista de terceira classe.

Hoje é machinista de primeira classe com a patente de primeiro tenente.

Inutil será encarecer mais as aptidões tanto do inventor como do constructor do submarino, porque a utilidade de tal invento, os nossos leitores bem a comprehendem, o que lamentamos é que homens de tanto valor não sejam aproveitados no nosso paiz, onde vemos gastar tanto dinheiro em phantasias.

Descrevemos agora em breves traços alguns dos mais conhecidos e considerados barcos submarinos, e comparemos os em suas principaes qualidades e destinos com o submarino Fontes.

A ordem que vamos seguir é a seguinte:

Goubet, Gymnote, Nordenfeldt, Wadington, Pace Maker Peral.

O *Goubet* é um barco submarino francez, devido ao trabalho de mr. Goubet, e segundo boas informações, já em 1880 se achava em ensaios, cujos resultados por muito tempo foram guardados em profundo segredo.

Em principios de 1889 foi transportado pelo caminho de ferro de Auteuil a Cherbourg um barco d'este systema, aonde foi lançado ao mar e então larga e francamente experimentado. As suas dimensões são — comprimento 5,803, altura maxima 1,82 largura a meio 0,908, e seis metros cubicos de deslocamento. Na parte superior e a meio tem uma cupula com 0,80 de diametro e 0,40 de altura, guarnecida de vidros ou vigias por onde se vê para fóra.

E' munido d'um apparelho optico formado d'um tubo que se pôde fazer sahir ou recolher dentro do barco, tendo na sua extremidade superior, convenientemente adaptado, um prisma de reflexão total que conduz os raios luminosos sobre um outro prisma collocado na parte inferior, o qual os leva aos olhos do observador. Este tubo tem proximo meio metro de comprimento, obrigando o barco a estar muito á flôr d'agua sempre que seja necessario fazer uso d'elle.

O motor é a electricidade contida em accumuladores, a qual lhe pôde dar uma velocidade maxima de cinco milhas e meia por hora. O veio do helice é articulado por fórma a poder-se dar a este uma direcção obliqua em relação ao eixo do barco, em todos os sentidos, governando se assim o barco sem auxilio de leme. Primitivamente este barco era movido a braços pela sua guarnição.

A renovação do ar respiravel é feita por meio de ar e oxigenio contido em dois depositos especiaes, aonde se acham á pressão de cincoenta atmosferas. Estes depositos tem a capacidade de cincoenta litros cada um, e comportam um aprovisionamento de ar oxigenio sufficiente para a respiração dos dois tripulantes durante viate e quatro horas.

A submersão e a emersão do barco são determinadas pela admissão e rejeição d'agua em depositos para esse fim apropriados. A sua guarnição compõe-se de dois homens.

Esté submarino é armado na prôa com um apparelho apropriado para cortar os fios dos torpedos de posição, e transporta um torpedo de mina destinado a ser collocado no fundo do navio inimigo. E' portanto uma machina de guerra destinada ao ataque de navios fundeados e á inutilisação de torpedos fixos ou fundeados.

O *Goubet* é considerado como o mais perfeito e melhor de todos os submarinos conhecidos. Nas experiencias realizadas em 1889, em Cherbourg, conservou-se na posição horizontal e immovel du-

rante quatro horas, em aguas paradas, debaixo d'uma camada d'agua de tres metros e meio de altura.

A grande qualidade de poder manter-se parado entre aguas, qualidade que nenhum outro submarino possuia, deu ao *Goubet* uma extraordinaria importancia.

(Continúa)

Grumete.

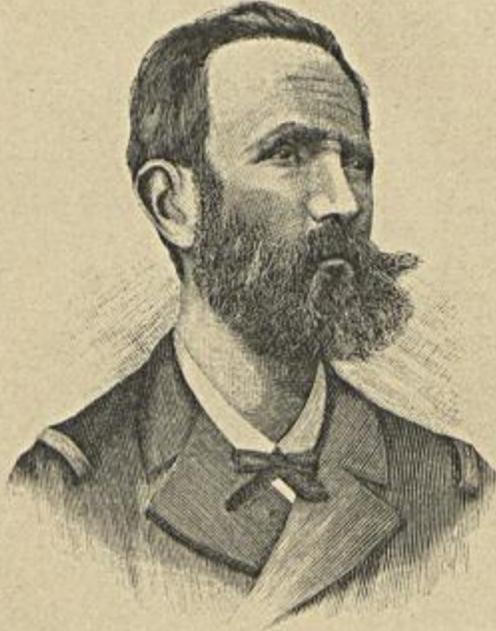
mo se vê pelas nossas estampas, tendo o aspecto de um enorme cação, de mais de um metro de espessura, pelle muito aspera, de côr azulado escuro, compridas barbatanas e bocca enorme onde á vontade caberiam dois homens. Para uns era um baleote, para outros um espadarte, outros diziam que era o «peixe frade».

Facil era a um naturalista reconhecê-lo. A pelle desprovida de escamas mas armada de uma li-

formando os bordoa das membranas que as separam numerosas pregas livres que, pela semelhança que têm, dizem os pescadores, com as do habito dos frades, valêrão a este tubarão o nome de Peixe-Frade.

O nome que lhe démos de tubarão, lembra immediatamente um dos terriveis habitantes dos mares tropicaes, tão temidos dos pescadores e até de todos os que frequentam aquellas aguas. Ao

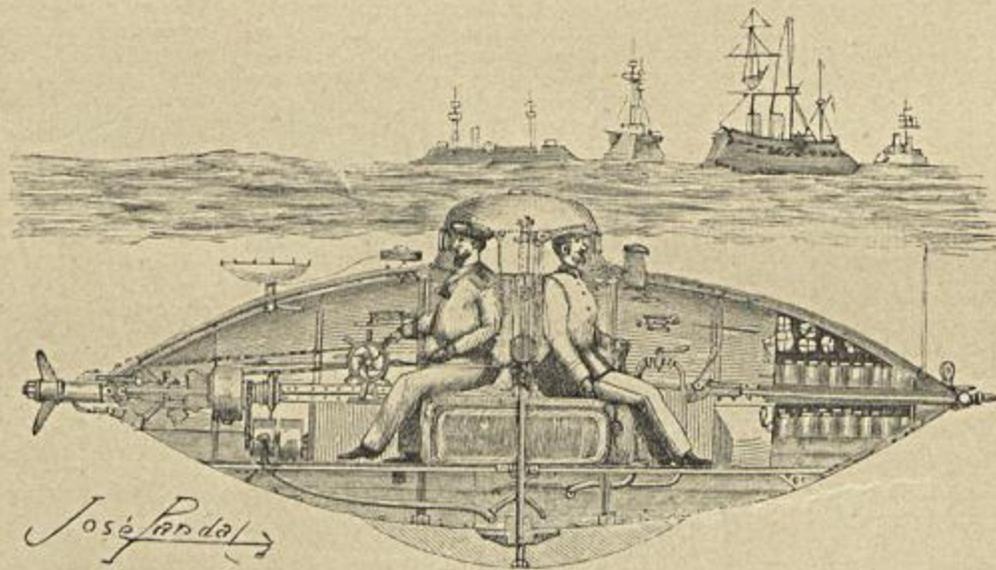
ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES



O TENENTE JOÃO AUGUSTO FONTES PEREIRA DE MELLO
AUGTOR DA ESTAÇÃO SUBMARINA



O ENGENHEIRO MACHINISTA, FRANCISCO ANTONIO SEQUEIRA
CONSTRUCTOR DA ESTAÇÃO SUBMARINA



O SUBMARINO «GOUBET»

O PEIXE MONSTRO DE PAÇO D'ARCOS

Ha approximadamente tres semanas que a população da Capital foi surprehendida pela noticia do apparecimento nas aguas de Paço d'Arcos de um peixe monstro que os destemidos pescadores d'aquella praia tinham harpoado, conseguindo trazer-o a terra, e durante alguns dias foi verdadeiramente extraordinaria a affluencia de povo, atraído pela curiosidade em vêr o monstro.

O exemplar era na realidade digno de vêr-se. Medindo approximadamente 8 metros e meio de comprimento, com uma circumferencia de 4 metros, o seu peso não devia ser inferior a seis toneladas. Deitado sobre o lado esquerdo apresentava-se, co-

xa muito aspera, a forma alongada com enormes barbatanas, as fendas lateraes á cabeça, em numero de cinco, estabelecendo communicação com a cavidade branchial, indicavão logo á primeira vista que o monstro era um esqualo, vulgarmente um tubarão. Por outro lado só o «peixe frade», o «pélerin, dos francezes, o «basking shark, dos inglezes, ou o *Selache maximus*, Cuvier dos naturalistas, combina tão grandes dimensões com uma enorme bocca armada de dentes muito pequenos, medem no nosso exemplar menos de um centimetro, muito numerosos, quasi em numero de 2:000 em cada maxilla, dispostos em cinco ou seis ordens, conicos, um pouco curvos, e apresenta as cinco aberturas das guelras tão largamente fendidas, quasi da linha medfa superior á inferior,

contrario porém dos seus congenes, o Peixe-frade habita exclusivamente o Oceano glacial, apparecendo de passagem de tempos a tempos nas costas da Irlanda. A sua presença nas costas de França e por maiorta de razão nas de Portugal é perfeitamente accidental e muito provavelmente devida á acção das correntes.

Embora o seu apparecimento seja rarissimo nas nossas aguas, devido ás conscienciosas investigações de dois naturalistas nossos, Barboza du Bocage e Brito Capello que minuciosamente compendiaram tudo o que se refere aos nossos esqualos, já havia noticia de terem apparecido dois grandes individuos n'este seculo. Um foi pescado em Vianna em 1840, era de dimensões inferiores a este, segundo me informam, e o publico pode

durante alguns annos vel-o no Museu da Academia Real das Sciencias, estava porém em tão mau estado que foi forçoso inutilisal-o; o outro foi capturado na Povia de Varzim em 1850 e a pelle, vista por aquelles auctores, devia ter pertencido a um individuo de dimensões proximamente eguaes ás d'este.

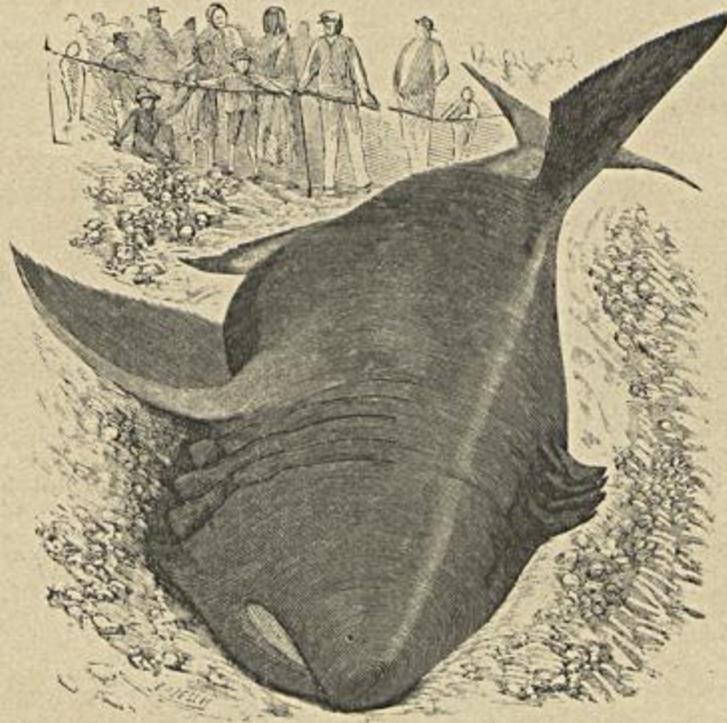
Muito haveria a dizer se quizessemos descrever detalhadamente este esqualo tão pouco conhecido entre nós, mas limitamo-nos a registar uma

lagicos, seria impossivel d'outro modo ao Peixe-Frade conserval-os na cavidade boccal. Estas laminas, de structura microscopica analoga á dos dentes e das producções epidermicas dos esqualos, foram encontradas fossilizadas nas camadas superiores do terciario da Belgica e indicam assim a existencia de um typo de Peixe-Frade n'aquella epocha remota.

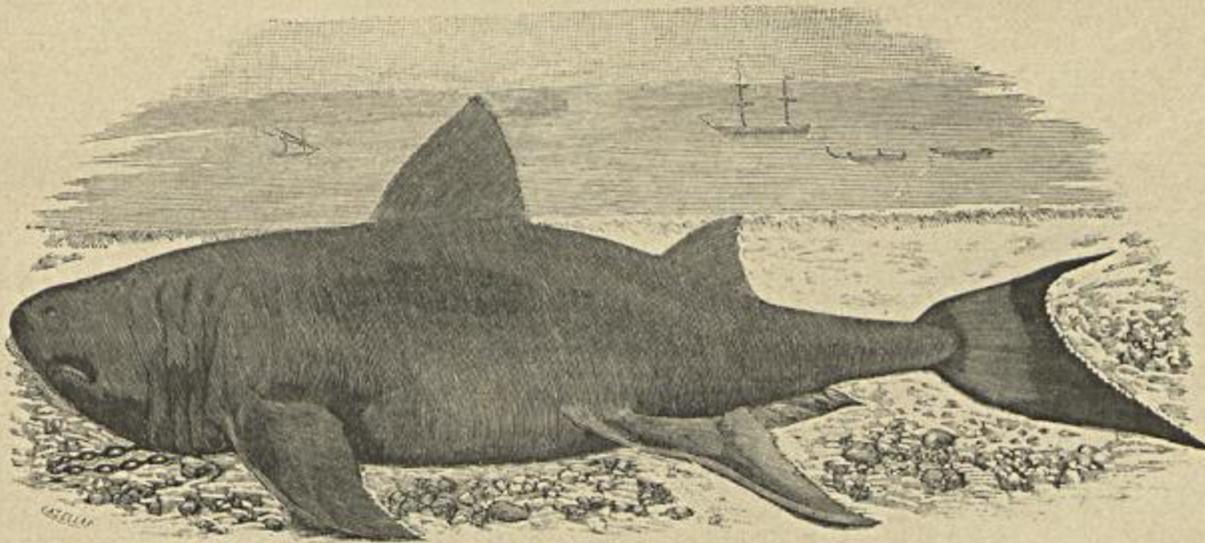
Alguns naturalistas têm observado o Peixe-Frade e segundo Gunner, Bispo da Norwega este

Do exemplar de Paço d'Arcos só o figado foi separado pelos pescadores, mas a pelle foi adquirida e transportada para o nosso Museu Nacional e em breve o publico poderá ajuizar, nas galerias d'aquelle estabelecimento, das dimensões do monstro que constitue uma valiosa aquisição, pela raridade, nos outros museus da Europa, de exemplares grandes, preparados e completos.

Alberto Alexandre Girard.



Visto de frente



Visto de lado

O PEIXE MONSTRO APPARECIDO EM PAÇO D'ARCOS

(Desenhos do natural pelo sr. Cazellas)

das suas mais interessantes particularidades. Quem levantasse uma das pregas, a que nos referimos ha pouco e separam as fendas das guelras, notava immediatamente no bordo interno dos arcos que as sustentam, uns processus analogos áquelles de alguns peixes osseos, muito compridos, cons-tituídos por series de laminas delgadas e estreitas, ligeiramente recurvadas, dispostas como os dentes de um pente, e servindo ao Peixe-Frade para filtrar a agua que, penetrando pela enorme cavidade boccal, se escapa pelas fendas branchiaes. Esta curiosa disposição está como é de suppôr em perfeita harmonia com o seu modo de alimentação. Ingerindo só peixes pequenos e animaes pe-

tubarão nada tem da ferocidade dos outros esqualos. Particularmente lento e preguiçoso, é facil persegui-o e harpoal-o quando fluetua aquecendo-se aos raios do sol, habito que lhe valeu o seu nome inglez «Bassing Khark». Ferido, é porém tão temivel como a baleia, pelos esforços que emprega para se defender e escapar, nadando então com extraordinaria rapidez.

Embora a sua carne dura e de gosto desagradavel seja aproveitada n'alguns paizes do Norte e possa servir de isca, pesca-se principalmente o Frade para utilizar o figado, excessivamente volumoso, que derretido fornece excelente oleo.

FERNANDO CALDEIRA

II

(Concluido do numero anterior)

Fernando Caldeira tinha 53 annos de idade. Nascera em Agueda, em 1841, e era filho do sr. conde da Borralha.

Formou-se em direito, na Universidade de Coimbra, e começou muito cedo a fazer versos, versos muito delicados, muito graciosos que tinham grande successo nas salas. Pinheiro Chagas apresentou Fernando Caldeira n'um dos seus magnifico

folhetins e chamou a atenção do publico para uns deliciosos versos do novo poeta: — *Os pesinhos*.

Os versos de Fernando Caldeira começaram então a ter voga e d'ali a poucos annos, em 1876, a sua primeira comedia — o *Sapatinho de Setim*, representada primorosamente no theatro das Varietades, por Lucinda Simões e Furtado Coelho — valeu-lhe uma grande ovação e tornou mais conhecido o seu nome, até então só apreciado pelos *raffinés* da litteratura.

O *Sapatinho de Setim* era uma comedia de enredo simples, mas muito graciosa, muito delicada e que denunciava uma verdadeira vocação theatral.

O exito da sua primeira comedia animou Fernando Caldeira a seguir o caminho do theatro, que tão brilhantemente encetára e d'ahi por diante dedicou-se quasi que exclusivamente á litteratura dramatica.

Em seguida ao *Sapatinho de Setim* escreveu a *Varina*, os *Missionarios*, *Sara*, a *Chilena*, dramas em prosa que com mais ou menos exito foram representados no theatro de D. Maria, *Fló-fló*, farça n'um acto, a *Mantilha de renda*, deliciosa comedia em 2 actos em verso, que teve grande successo no theatro de D. Maria e que foi o seu primeiro grande successo theatral, as *Nadadoras*, comedia tambem em verso e tambem em dois actos, que não é inferior em merito á *Mantilha de renda*, as *Medicas*, comedia em 4 actos, feita em collaboração com a pessoa que escreve estas linhas e que teve grande successo do theatro do Gymnasio e depois nos theatros do Rio de Janeiro e de S. Paulo, e por ultimo a *Madrugada* que foi a sua consagração definitiva como auctor dramatico e que teve um exito de primeira grandeza.

Além d'estas peças Fernando Caldeira escreveu um monologo original a *Congressista*, que agradeu muito recitado por Lucinda Simões, um monologo em verso, imitado do francez, a *Mosca*, que fez epoca, recitado pelo actor Brazão, um volume de deliciosos versos, *Mocidades*, um drama *Nantas*, escripto sobre o conto do mesmo titulo, de Emilio Zola, que nunca foi representado, e grande quantidade de poesias, umas publicadas em varios jornaes, outras ineditas, muitas das quaes que estão em poder do sr. João Dantas, amigo intimo de Fernando Caldeira e seu companheiro no escriptorio da Companhia das Lesirias onde durante annos Fernando Caldeira esteve empregado.

Ahi n'esse escriptorio, nas horas em que não havia trabalho urgente, Fernando Caldeira matava o tempo fazendo versos que depois dava a guardar ao seu velho amigo e companheiro e assim juntou nas mãos d'este uma grande porção de poesias ineditas, que seria uma boa obra litteraria e uma merecida homenagem á memoria querida do illustre poeta, fazer publicar em livro.

Fernando Caldeira além d'um poeta illustre e d'um auctor dramatico notavel era um musico muito apreciavel, pianista distincto e compositor muito apreciavel. Entre as suas composições musicas que eram numerosas, lembram-nos duas: uma canção popular, que se cantava na *Madrugada*, e a musica d'um hymno com a letra de Lopes de Mendonça, que foi executada na festa da centesima representação do *Burro do sr. Alcaide*, no theatro da Avenida.

Deputado em varias legislaturas, Fernando Caldeira não deu que fallar de si em politica senão pela sua desusada lealdade.

Entrou na politica filiando se no partido constituinte e até ao fim foi fiel ao seu partido, acompanhando-o em todas as suas phases, até mesmo n'aquella phase que se parecia muito com a morte, em que o partido constava apenas de duas pessoas, o chefe, o sr. conselheiro José Dias Ferreira, e elle, o unico soldado fiel.

Esta dedicação lealissima e desinteressada rarrissima nos tempos que vão correndo é o maior elogio do character honradissimo e excepcional de Fernando Caldeira.

Quando pela revolta do Marechal Saldanha, em maio de 1870, o sr. Dias Ferreira subiu ao poder, Fernando Caldeira foi nomeado governador civil de Aveiro.

Ultimamente, quando o sr. Dias Ferreira voltou ao poder, fallou-se muito no Fernando Caldeira para altos cargos administrativos, mas elle nenhum accitou com a sua extranha insenção ou antes apenas accitou um, que só tinha por porventos muito incomodo e muito trabalho, o de gerente do jornal o *Tempo*, lugar que exerceu com toda a dedicação e toda a hombridade, até ao dia em que a doença, que havia de o matar, o obrigou a deixar todo o trabalho.

Como dissemos Fernando Caldeira morreu no dia 2 d'abril, pelas 3 horas da madrugada, na quin-

ta da Conceição, pertencente ao sr. conde d'Otoline, na estrada de Bemfica.

Fernando exhalou o seu ultimo suspiro nos braços do seu irmão Eduardo.

O cadaver foi velado durante o dia e a noite seguinte por seu irmão, pelo secretario do sr. Arcebispo de Mytilene, pela grande actriz Lucinda Simões e pelos srs. Caetano Ferreira, Manuel da Veiga Ottolini e Luiz da Veiga Ottolini.

No dia 3 d'abril, ás 4 horas da tarde, o cadaver de Fernando Caldeira, encerrado n'uma urna de mogno foi conduzido a estação do caminho de ferro em Bemfica, acompanhado por um numeroso grupo de amigos intimos e collegas mais queridos e seguiu no comboio da noite para Agueda, onde ficou sepultado no jazigo da familia Borralha.

Que durma em paz o grande somno, o querido amigo e chorado companheiro!

Gervasio Lobato.

JULIO CESAR MACHADO

(Continuado do numero 551)

A biographia dos escriptores, dos que fazem profissão exclusiva das letras, está principalmente dentro das suas obras. A sua vida intellectual — toda interior — é mais agitada, mais convulsiva, mais tempestuosa, mais cheia de lances de todo o genero — comicos e dramaticos — do que a vida exterior, ainda a mais apparente e ruidosa, do commum da humanidade. Dentro das paredes do seu cerebro — theatro estreito, mas que abrange mundos — lutam todos os sentimentos e todos os affectos: ha alli amores e odios, emulações e rivalidades, luctas encarnicadas, derrotas e victorias, aspirações para o infinito, visões celestes e apparições mortaes. Tudo phantasia — dirão, Sim, phantasia, mas a phantasia é uma realidade interior.

E tanto é realidade que vence a outra — a exterior — que se lhe impõe e que a domina, nos momentos da concepção e da geração espiritual primeiro, e depois de realisada, quando se manifesta aos nossos olhos — no livro ou no theatro — no romance, no poema, no drama, na tragedia.

Tem dores lancinantes, profundos esmorecimentos, o poeta, n'esses periodos de gestação artistica, e extases e divinos arrobamentos, quando consegue fixar o ideal que tantas vezes lhe refoge, apenas entrevisto. Tudo isto sente o elle, sabem-o os que vivem a mesma vida, e comprehendem-o os que estudam estes phenomenos do espirito, mas não o sabe, nem comprehende o vulgo, o resto dos mortaes. Ha em todas as sociedades — ainda nas mais cultas — um homem não comprehendido: é o artista — pintor, musico ou poeta.

Ao vel-o fallar como elles, trajar como elles, e viver como elles — dizem os outros — é um homem como nós. Não, não é: estaes enganados. No exterior poderá confundir-se, mas no interior é mui diverso. E d'ahi o perpetuo, o eterno conflicto, que elle traz travado com a realidade; conflicto de todos os instantes, porque, ao contrario do que o mundo pensa, não é só quando escreve, quando compõe, que elle é poeta, que elle é artista; é o sempre, todos os instantes, a toda a hora, em todos os actos da sua vida. E' um doente, um nevrotico? Não sei. Vive longos annos como Goethe, Victor Hugo e Miguel Angelo; morre prematuro como Raphael, Mozart e Byron. É um pleito este longo e renhido, que está por decidir; e não é para nós, nem para aqui. Mas o que se póde affirmar é que o seu organismo intellectual é diferente, e que, como tal, regem-o outras leis, e que é absurdo avalial-o e medil-o pelo estalão banal da humanidade.

Tem o poeta, o artista, faculdades que faltam aos outros homens no mesmo grau, faculdades de percepção mais agudas, de mais fina sensibilidade; alcança mais largos horizontes; abrange muito maior numero de relações, e as sensações dos objectos exteriores exagera-as, como se tivesse interiormente um apparelho especial, que lhes engrandecesse as proporções, como as lentes oculares augmentam o volume dos objectos que nos rodeiam. E acima de tudo isto, se é um genio — *est deus in nobis* — tem o poder da criação, da evocação, e do seu cerebro saem imagens e figuras, que nos impressionam profundamente e que nos commovem, que nunca mais esquecemos, e que vivem no nosso espirito, pondo na sombra as figuras mais vivas, as imagens mais coloridas, os lances mais dramaticos da vida real!

Será este artista, este poeta, um homem como os outros?

A critica, que hoje, nos seus estudos e investigações, recorre ás sciencias naturaes, á medicina, tem de tal fórma alargado com esses novos instrumentos de analyse o seu campo de observação, que quando se propõe lavrar sentença, não ouve só o auctor, chama tambem ao tribunal os seus antepassados, os mestres que elle ovuiu, os livros que leu, os primeiros, os que elle preferia e os que desprezava, a sociedade em que viveu, e, não satisfeita com isto, estuda o seu temperamento, os seus habitos, e os seus costumes. Assim armada, quando a critica erra não é por falta de elementos de apreciação. O processo está completo, e da injustiça, quando a houver, será então unico responsavel o juiz.

Não venho aqui instaurar o processo litterario ao notavel e malogrado escriptor. Limitar-me-hei a deixar n'estas paginas o meu singelo e sincero depoimento pessoal sobre o homem que foi meu confrade n'esta grande irmandade das letras, e por cujo talento e qualidades eu tive sempre a maior estima e a mais viva sympathia.

* * *

Este nome de Julio Cesar Machado data de longe na minha memoria, evoca em mim talvez a minha mais antiga recordação litteraria, a primeira. Data de 1850 — tinha eu onze annos. Vi-o n'um jornal litterario, assignando uns versos, e fixou-o no meu espirito a circumstancia original de elle vir acompanhado — a seguir — da declaração de que o poeta tinha quatorze annos d'idade. Impressionou-me aquillo. Na minha innocencia não imaginava que algum podesse ser poeta em tão verdes annos!

Hontem, folheando a *Semana*, uma pequenina revista litteraria, tambem de 1850, dirigida por Silva Tullio, já encontrei a primeira producção em prosa do que foi depois illustre no conto e no folhetim. Chama-se *Estrella d'alva*.

Ao lado da estreia do que tinha então «todas as meninices de espirito e de rosto» na phrase de Camillo, ostenta-se a prosa do *Anathema*, do que veio a ser o grande escriptor, o grão-mestre do romance portuguez *Estrella d'alva*! «Bem escolhido titulo para a alvorada d'um esplendido dia» — diz elle. Já alli se adivinha, já se entrevê a orientação do astro nascente, apesar de vir, como é costume, envolto em muitas nuvens. Comparando esse despontar no horizonte com a luz que elle irradiou no seu zenith, vê-se o longo caminho percorrido pelo brilhante successor de Lopes de Mendonça. Ambos, o patrono e o neophito, obedeceram á lei da evolução, ao progresso; Camillo tambem alli está ainda a um terço da grande curva da sua rotação. Annuncia-se, mas ainda não se vê. Annos depois é que elle attingiu a culminação do seu talento, quasi se pode dizer, do seu genio.

Coisa singular! Singular coincidência! Estes dois escriptores, que ambós tinham o condão de nos fazer rir das misérias humanas, acabaram ambos tragicamente, suicidando-se! Trinta annos depois de se haverem encontrado, e de Camillo, o mais velho — tinha então vinte e quatro annos — haver apresentado no mundo litterario «aquelle pequeno, o Machadinho, que lhe saíra engraçado», com pequeno intervalo de tempo — uns mezes apenas — partiram os dois para a grande, para a ultima viagem! O mais novo primeiro! E não foi o fim, a morte de Camillo — o grande é dramatico romancista — cego, torturado e vencido pela doença, que mais profunda impressão nos causou, não; o que nos commoveu até ás lagrimas — a mim e a todos — foi o ultimo acto d'esse drama burguez e banal, que principiou tendo por protagonista um rapaz perverso, cuja memoria não se pode defender, nem na vida nem na morte, e que acabou arrastando tambem o desgraçado pae — na plenitude da vida e do talento, — ao suicidio, áquella horrosa morte — cruel á vista e ao pensamento!

A noticia recebi-a á noite na redacção do *Correio da Manhã*. Cá fóra tumultuava o povo em arrancos de patriotismo, e os tribunos da plebe ameaçavam, de punho cerrado, a Inglaterra, a nossa *fiel alliada*. O anno principiara mal para as letras, para a politica, para tudo. N'esse mesmo dia desaparecia repentinamente d'entre os vivos Francisco Palha, outro gracioso e elegante poeta; poucos mezes depois, ao assomar da primavera, chegou a vez a Antonio Pereira da Cunha, um elevado poeta, e um homem honrado e depois veio a hora de Camillo! A morte de Silva Porto, na Africa, carregou ainda o tom d'estas notas lugubres. Outro humorista, outro folgão, outro primoroso escriptor, Ricardo Guimarães, visconde de Benalcanfor, deixara nos tambem, pouco antes de findar o anno de 89. Funebre despedida para

os que o conheciam e lhe apreciavam o talento e o brilhante espirito.

A um gracioso me lembro de ter então ouvido dizer.

— O Ricardo, quando se foi, parece que se esqueceu de fechar a porta.

Triste gracejo. Aquella porta ninguem a abre, ninguem a fecha: está sempre aberta...

O auctor d'aquelles versos dos quatorze annos e da *Estrella d'alva* só o conheci muito depois, e quando o seu nome já era apreciado e popular como folherinista.

Excitou uma grande curiosidade o seu volume de *Contos ao luar*. A publicação d'esse livro d'um novo era um acontecimento: raros eram, e peor do que isso, pouco arrojados, os editores de Lisboa. Antonio Maria Pereira, pae do actual editor, e já benemerito das letras portuguezas, o sr. Antonio Maria Pereira, foi o editor dos *Contos*. Não teve de que se arrepender, por que em oito mezes vendeu tres edições! É raro e phenomenal entre nós um tal exito, hoje mesmo, mas ha trinta annos é caso de nos maravilhar!

Assim foi, e se Julio Cesar Machado não ficou desde logo rico, é porque as edições eram pequenas, como limitado era, e é ainda, o numero dos que apreciavam as boas letras.

Norteados n'outro rumo os meus estudos — meu bom pae queria, e muito ajuizadamente que eu fosse engenheiro — só tarde, e quando eu tinha mais de vinte annos, é que me alistei n'este que ainda hoje se pôde chamar o batalhão dos voluntarios amadores das letras. Entrei n'ellas pela porta das artes.

Com pintores e esculptores fiz o meu tirocinio, e foi por esse tempo que travei relações com o auctor dos *Contos ao luar*. Publicado o livro offereceu-me um exemplar, e eu entendi dever corresponder a essa fineza com um artigo ácerca d'elle. Disse-lh'o, e aprazámo-nos para o dia seguinte em sua casa, onde eu desejava ler-lh'o, antes de o publicar.

Julio Machado morava então n'um terceiro andar da rua do Oiro, defronte, se não me engano, do espingardeiro Imberton. A's onze da manhã — praso dado — eu lá estava. O folhetinista — parece-me que o estou vendo — tinha uma *robe de chambre* de flanela azul, com uns ornatos pretos, no gosto das jaquetas dos zuavos. Recebeu-me muito bem — á vontade — ouviu-me e fez algumas observações sobre os adjectivos, que eu lhe dispensava. D'essa visita lembro-me tambem d'um tinteiro de porcelana de que gostei então immenso, não pela riqueza, mas pela idéa: era um Mephistopheles! Tornei a vel-o, passados muitos annos, na sua mesa de trabalho da casa da travessa do Moreira. Pouco tempo depois offereceu-me o seu retrato, que ainda conservo. Escapou do incendio da minha antiga livraria, e é um dos que mais estimo.

Machado sympathisara commigo.

(Continúa.)

Zacharias d'Aça.

NO ALBUM DE UMA SENHORA

Acostumei-me a amar desde pequeno
Tudo o que é bom e bello neste mundo,
E não quero indagar nem aprofundo
A razão porque rio ou porque peno.

Se a luz brilhante vem do céu sereno,
Amo e essa luz, nella me inundo;
Se é da terra que vem, ou mar profundo,
Tambem por ella o meu amor ordeno.

Bella é a variada luz resplandecente,
Boa a doce illusão, boa a piedade,
Bella a nuvem e o raio, e boa a brisa;

Mas o prodigio unico e excellente
De juntar a belleza com a bondade,
Só a mulher no mundo o realiza.

A. L. dos Santos Valente.

O BEM E O MAL

AO MEU AMIGO LIBANIO BAPTISTA FERREIRA

Quando eu velava as noites meditando
Em tanta gloria extincta e acabada,
E em longa procissão amortalhada
Nações, imperios, reis via passando:

— Senhor! (dizia triste e lastimando)
Se sobre tanta gente desgraçada
Cae da tua justiça a dura espada,
Castigo foi de crime abominando! —

E da virtude e vicio distinguia
Claramente o limite definido,
E, amando a uma, ou outra abborreia.

Mas hoje, vendo o bem sempre abatido
E triumphante o mal á luz do dia,
Pergunto de que serve o ter nascido.

A. L. dos Santos Valente.

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

IX

(Continuado do numero 552)

Pacificamente, outros annos passaram.

Em 1661, D. Pedro de Lara, por indicações do avô, contrahiu casamento com sua parenta D. Marianna da Silva, filha legitimada de D. Fernando da Silva, um dos tenorios mais assignalados nas memorias remotas dos conventos do Minho, este filho segundo de outro D. Fernando, fidalgo distincto na revolução da independencia, que reunia sob uma corôa marquezal e outra condal, dois dos titulos mais gloriosos do paiz.

O casamento realisou-se em Val de-Bouro, na capella da casa, sem apparatus, com uma solemnidade familiar. O padre Lopo, perto dos 80 annos, recusou a sua intervenção na cerimonia religiosa com um receio supersticioso de influenciar de má sorte (como o casamento de D. Balthazar, que elle abençoára) aquelle por noival que todos os vaticínios auspiciavam.

O conde de Val-de-Bouro parecia estar á espera de aquelle acontecimento, para deixar a vida sobrecarregada de annos e desgostos. Chamado á corte, por deveres de classe, n'um mez depois de festejar os esponsaes do neto, lá o colheu subitamente uma morte sem dores, quasi feliz, entre os braços da familia.

O padre Lopo, ao receber a noticia em uma herdade proxima de Val-de-Vez, onde vivia com o filho de D. Luiza Cordovil, disse melancolicamente, com um sorriso encovado de lagrimas:

— Agora, não tardo eu!

— Ora tio, não pense n'isso! replicou-lhe Pedro

— Tenho setenta e nove annos, sobrinho; não ha que esperar... Tu não sabes que eu sou irmão da tua avô? que ainda vi muita luz do seculo passado?

— Sim, mas...

— Não ha «mas». E isto; e eu, agora que tu já não precisas de mim, pouco me custará passar á vida eterna. Se fosse aqui alguns annos atraz, então sim, porque ficavas só, sem amizade de pae ou mãe para guiar-te...

Houve um pequeno silencio.

— É verdade, tio... — disse porfim, Pedro. — Ando ha dias a scismar, depois que vossa mercê recebeu aquella carta de meu pae, que talvez elle falle assim amargurado, por lhe minguaem os meios de subsistencia...

— Hum... Elle levou grosso cabedal, e eu sei que tem entrado em negocios, de parceria com hebreus opulentos.

— Comtudo, se o não maguasse muito, desejava...

— O quê?

— Averiguar se meu pae tem necessidades. Eu sou novo, e ainda me sobram meios para repartir...

— E se te vêm filhos, homem? Tu não vês que teu pae é capaz de dar cabo de tudo o que tens?

Dizes tu que és novo... Pois por isso mesmo, é que deves olhar pela vida, que está em começo... Deixa-o lá; elle como se arranhou até agora, (e já lá vão vinte annos! tambem se hade arranjar para o futuro. Deus me perdõe, se erro.

— Pois bem, seja assim, guardarei o que tenho. Mas no que vossa mercê convirá, é que a legitima que lhe acontecer, agora que morreu o avô conde, lhe seja enviada sem differença.

— Se lh'a derem...

— E porque não?

— Porque teu pae é um apostata e portanto está excluido, por lei, dos seus direitos. Se alguma coisa vier, é para ti, não para elle. Podes agradecer á memoria de teu avô, a graça de não seres alcançada pela excommunhão civil e religiosa que pesa sobre teu pae...

— Se isso é assim, nem mesmo terei direito de exigir coisa alguma dos tios de Lisboa.

— Direito tens... porque és legitimo successor de teu avô. A questão toda, resume-se na eliminação de teu pae. Para todos esses figurões, entre ti e teu avô não ha intermediarios de geração: é como se fosses filho, em lugar de neto. Parece-me que foi pondo as coisas n'este gosto, que teu avô conseguiu salvar-te da ignominia, afóra a circumstancia favoravel de teres nascido antes da apostasia. Emfim, tanto no nome como nos bens, não succedes a teu pae, succedes ao conde de Val-de-Bouro. Meadas de letrados e juristas! .. O caso é, que direito tens tu!

Precisamente de ahí a dias, tornou-se necessario que D. Pedro de Lara encarregasse um advogado de seguir os trabalhos do inventario, activados por discordias entre os filhos do conde fallecido.

Foi correndo o tempo.

As ultimas noticias de D. Balthazar, vagamente denunciadas no dialogo anterior, tinham sido trazidas por um capitão de marinha mercante que aportára em Vianna. Sempre que algum portador se lhe offerecia, o fidalgo homiziado nunca deixava de enviar algumas palavras de saudade ao velho torrão patrio, onde lhe ficara um filho a exacerbar a dor do arrependimento que o avançar da idade tinha trazido.

D. Balthazar contava então 47 annos, mas o seu aspecto era o de um sexagenario. A lucta das paixões de uma parte, desenganos, vexames, abalos physicos, por outra, precipitaram-lhe a vida n'aquelles vinte annos atormentantes de exilio. As provisões de dinheiro, gastas rapidamente nos primeiros annos, obrigaram no a entrar, como socio, nas operações commerciaes de certo hebreu abastado, natural de Valença, que em tempo tôra protegido pelo conde de Val de-Bouro.

Uma aura prospera bafejou-o durante uma longa epocha; a Gaya, transformada em uma esposa grave e senhoril, deu-lhe uma filha a que chamaram Maria Anna; e uma incansavel ventura parecia proteger encantadamente os negocios a que se associava.

Mas, passados 8 annos, o hebreu valenciano morreu; a filha, tambem; e D. Balthazar atribulado por estes desgostos quasi simultaneos, retirou-se para uma casa de campo, fruindo isoladamente a mediocridade dos capitaes que ganhara.

A Gaya envelhecera precocemente, tambem. Ao lado de aquelle homem que ora a abraçava, ora a repellia atirando-lhe improperios ora gestos arrebatedos de loucura, o seu bello frescor de mocidade desaparecera como levado por uma bagagem de outomno. Uma magreza doentia adelgachara-lhe a linha opulenta do corpo; o cabelo tinha-se raiado de branco; só os olhos, perdido o brilho hysterico que os inflamara, se haviam tornado mais bellos, esmaltados n'uma maguada expressão de ternura piedosa.

D. Balthazar que só abandonava as suas cogitações solitarias n'algum momento de excitação febril em que nada via, não notava a decadencia da deliciosa mulher a quem tanto sacrificara. Com a marcha dos annos, uma só ideia o obridiava: era que a Gaya fora collocada no meio da sua vida por alguma mysteriosa potencia diabolica, a fim de experimentar a firmeza das suas crenças!

A velhice intellectual viera ainda mais cedo do que o acabamento do corpo; phantasmagorias thiológicas enchiam-lhe de panico as insomnias; e o audacioso rebelde de outros tempos, pensava agora frequentemente no rigor da penitencia a tomar para remissão dos seus delictos de hereje!

As epochas de lucidez, variavam mas não desvaneciam o seu abatimento. Vinha-lhe então uma saudade enternecida pela familia que deixara longe, a expiar talvez ante uma sociedade estúpida e preconceituosa, as loucuras desairosas de que só elle era culpado... Era n'estes momentos que escrevia para Portugal, mais do que nunca isolado odiando a Gaya como um espectro de remorso.

As noticias do casamento do filho Pedro e da morte do pae, chegaram-lhe ao mesmo tempo exacerbando violentamente o seu estado morbido. Pensou então em transferir-se para Portugal, disfarçado, e acabar n'uma velhice pacifica ao pé do filho, deixando á Gaya tudo quanto possuia na Hollanda e a liberdade de dispor da sua sorte, como viuva abastada. Chegou mesmo a arriscar a

proposta; mas a judia, logo ás primeiras palavras adivinhou-o, e atalhou dramaticamente:

— Vae, mas mata-me antes!

D. Bathazar encolheu os hombros soffrendo aquella contrariedade, com a resignação de quem a julgava decretada superiormente pelo implacavel destino que o guiava, e desistiu da ideia.

Tal era a situação do viuvo de D. Luiza Cordovil ao tempo em que o filho, na quinta de Val-de-Vez assignava a procuração que auctorisava o seu advogado a represental-o no inventario e partilhas a proceder por morte do velho conde de Val-de-Bouro.

Ao cabo de um mez, respondeu o advogado denunciando a suspeita de que o conde da Agra e filhos mais velhos do fallecido, andavam a trabalhar para darem como incapaz de succeder nos bens do avô, a D. Pedro de Lara, visto ser filho de um apostata.

D. Pedro ficou agitadissimo com a nova; e manifestou exaltadamente o intento de mandar sem demora ao advogado, uma ordem de immediata desistencia.

Mas o padre oppos-se:

— Esperemos, sobrinho, esperemos.. Nada perdes com isso, antes lucras em ficar conhecendo a indole de teus tios paternos... Deixa ver o que vem.

Mas o que veio, dois mezes depois, foi a confirmação da suspeita. Na sua carta indignada, o advogado incluía alguns artigos do libello que o conde da Agra e irmãos tinham apresentado para justificarem a incapacidade do sobrinho, como coherdeiro.

A substancia das razões crivadas de paragraphos de legislação abonatoria, resumia-se em que D. Pedro, como filho de D. Balthazar de Lara, que pelos crimes de adulterio e apostasia tinha perdido todo o direito á successão dos bens, estava *ipso facto* excluido da mesma successão.

Materia legislativa mais pura não a podia haver conforme declarava o procurador; mas o que indignava o bom do homem era que os fidalgos lisbonenses não respeitassem a vontade de seu pae, o fallecido conde de Val de-Bouro, que tantos esforços fizera afim de conseguir habilitar o neto para os direitos que o filho perdera.

Entanto, por isto mesmo, o advogado aconselhava o seu constituinte a que impugnasse o libello diffamante, ainda que se não colhesse outro resultado do que pôr em relevo a deslialdade antipathica com que seus tios se conduziam n'aquelle negocio.

Lida a correspondencia, o padre perguntou ao sobrinho:

— E agora, que fazes tu?

— Que faço?! Vou mandar ordem de desistencia! Meus tios são sordidos; com mira no interesse, nem reparam que estão dando á irrisão de uma sociedade estúpida e malevola, o nome do irmão desgraçado. Louvado Deus, que ainda alguma coisa posso evitar!...

E no dia immediato a ordem da desistencia seguia para Lisboa,

(Continúa.)



REVISTA POLITICA

Não sabemos porque artes a politica derivou n'estes ultimos dias, para a saude publica, procurando descobrir uma epidemia em Lisboa, e fazer com ella guerra ao governo.

Ainda esperamos ver attribuir ao governo a culpa de qualquer secca ou qualquer inundação que o saragoçano annuncie e que as altas regiões athmosphericas confirmem muito impoliticamente.

Depois d'isto não pôde haver duvida de que o maior deficit que afflige este paiz, é o deficit do senso commum a manifestar-se desde as coisas de maior importancia até ás mais insignificantes.

Oh! bom Deus amerceavos de nós favorecendo-nos com alguma porção de juizo e de sabedoria, que isto por cá está mesmo uma miseria.

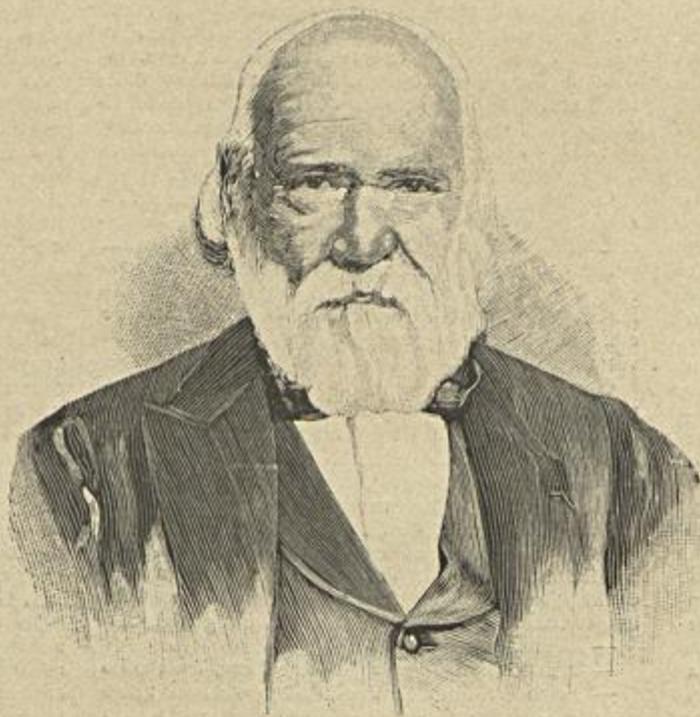
Alguem se lembrou de dizer que havia em Lis-

boa o cholera, e os sabios d'esta terra vieram reforçar a balella, contando historias sujas e mal cheirosas de que tinham sido os protagonistas em tempos já passados, mas em que achavam oportunidade no momento presente.

E reuniu a Sociedade das Sciencias Medicas em sessões quasi permanentes, e vieram novas epistolas para os jornaes de outros tantos sabios, e as folhas diarias abriram boletim das diarrheas que iam por essa Lisboa, boletim que accusa diariamente 20 a 30 diarrheas, e que por mais que tenham puchado por elle ainda não conseguiu dar nenhum obito.

Entretanto sempre se conseguiu sobresaltar a população do paiz e fechar os portos estrangeiros á livre entrada das procedencias de Lisboa, o que sempre é alguma coisa para bem d'este reino.

Nós se tivéssemos o facciosismo de accusar o governo, por os sabios se lembrarem de alamar o paiz com a noticia de uma problematica epidemia, era por o governo não ter o bom senso e a energia de officialmente declarar que não havia epidemia em Lisboa, deixando os illustres medicos questionar sobre o caso á medida das suas paixões politicas, visto que a politica se compra-



O DR. BROWN SEQUARD

FALLECIDO EM PARIS, EM 2 DE ABRIL DE 1894

seu em metter-se com o estado sanitario da capital.

Não conhecemos nada mais ridiculo do que esta epidemia para saber da qual é preciso ler os jornaes. Uma epidemia que faz reclame na imprensa, exactamente como os estabelecimentos que fazem grandes annuncios e que não tem nada que preste. Uma epidemia *shocking*, que não abre uma cova no cemiterio e que vem encher de saude a população, pelas medidas preventivas hygienicas, de desinfecção e limpeza que para ali se tem feito.

E já não é pouco esta vantagem a unica que se tem tirado, a não ser a dos medicos andarem em activo serviço reclamados pela mais leve dôr de barriga dos lisboetas.

Se não houvessem outros inconvenientes, era caso para antes desejar mais epidemias assim, do que a fuga dos emigrados brazileiros, dos navios de guerra portuguezes.

Achamos este ultimo caso muito peor que todas as diarrheas que para ali tem havido. Tambem o governo tem carregado com as culpas d'essa fuga, e, emfim, essas culpas não são de todo mal cabidas, até que se esclareça como foi isso, porque emquanto os revoltosos se acolheram aos navios de guerra portuguezes, no Rio de Janeiro, e fugiram em Montevideu, deram-se tantas ordens e contra ordens, que parece haver falta de boa direcção n'este negocio, que vem a ser uma questão desgraçada.

Veremos o que se apura de tudo isto, para então fallarmos, pois nos parece estemporaneo o que os jornaes da opposição estão dizendo.

E' muito mais facil criticar do que fazer alguma coisa.

João Verdades.

NECROLOGIA

DR. BROWN SEQUARD

Falleceu em Paris, no dia 2 de abril, o dr. Brown-Sequard, o celebre inventor das injeções hypodermicas, o illustre sabio que passou a sua longa vida, mettido no seu laboratorio, estudando com grande proveito para a sciencia.

O nome do dr. Brown-Sequard era já vantajosamente conhecido no mundo scientifico, mesmo antes da sua recente theoria da injeção de substancias organicas de aumaes, no corpo humano, theoria que passou á experiencia e cujos resultados, pareceram ao principio favoraveis e arrespeito do que se escreveram e disseram coisas maravilhosas, que encheram de esperanças os velhos e decrepitos.

Tratava-se nada menos de restituir aos orgãos gastos pela vida e pelos achaques, o seu vigor de novos, o que valia o mesmo que restituir a mocidade.

A noticia d'esta descoberta, que se baseava muito mais nos bons desejos do eminente physiologista, do que nos resultados praticos obtidos, fez grande ruido no mundo e todas as attentões se dirigiram para o celebre inventor a respeito do qual se contava tão grande maravilha.

Mas o que em verdade ha de positivo nos serviços prestados á sciencia por Brown-Sequard é a sua descoberta e applicação das injeções hypodermicas hoje geralmente empregadas com bons resultados.

Brown-Sequard, nasceu na ilha Mauricia, da Africa franceza, em 1818, pelo que contava a idade de 76 annos. Seu pae era de origem ingleza e sua mãe franceza.

Em 1838 veio para Paris completar os seus estudos, onde se doutorou dois annos depois.

Passou a Inglaterra e d'alli aos Estados Unidos, onde assistiu as classes de Physiologia e Pathologia da universidade Howard, adquirindo, em pouco tempo, reputação de grande physiologo, de tal modo que, fallecendo em Paris Claudio Bernard, professor da classe de Physiologia Experimental da Escola de França, foi nomeado para esta cadeira Brown-Sequard, em 1878.

Desde então Brown-Sequard passou a sua vida encerrado no laboratorio onde fez notaveis estudos sobre a composição do sangue, da medula, e suas enfermidades, do calor animal, do systema nervoso e muscular e dos ganglios lymphaticos.

As suas obras estão parte escriptas em francez e parte em inglez.

Fundou em 1858, o *Journal de la physiologie de l'homme et des animaux*; colaborou com Charcot e Vulpian no *Archives de physiologie normale et pathologique*, e escreveu o *Archives of scientific and practical Medicine and Surgery*, revista publicada na America.

Foi, por varias vezes, premiado pela Academia das Sciencias, da qual era socio desde 1886. Substituiu Paulo Bert na presidencia da Sociedade de Biologia.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39 — Lisboa